

Martha Argerich Cuarteto Quiroga



7 OUTUBRO 2016
SEXTA

21:00h — *Grande Auditório*



GULBENKIAN.PT/MUSICA

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



Martha Argerich Piano

Cuarteto Quiroga

Aitor Hevia Violino

Cibrán Sierra Violino

Josep Puchades Viola

Helena Poggio Violoncelo

Johann Sebastian Bach

Partita para tecla n.º 2, em Dó menor, BWV 826

Sinfonia

Allemande

Courante

Sarabande

Rondeaux

Capriccio

Robert Schumann

Quinteto com Piano,
em Mi bemol maior, op. 44

Allegro brillante

In modo d'una marcia. Un poco largamente

Scherzo: Molto vivace

Finale: Allegro ma non troppo

Johannes Brahms

Quarteto para Cordas n.º 1,
em Dó menor, op. 51 n.º 1

Allegro

Romanze: Poco adagio

Allegro molto moderato e comodo

Allegro, alla breve

INTERVALO

Duração total prevista: c. 1h 50 min.

Intervalo de 20 min.

Johann Sebastian Bach

Eisenach, 21 de março de 1685

Leipzig, 28 de julho de 1750

Partita para tecla n.º 2, em Dó menor, BWV 826

COMPOSIÇÃO: 1725-1727

DURAÇÃO: c. 20'

48

PARTITA II.

Grav. Adagio

Sinfonia.

Andante

8.0.15

A suite de danças, enquanto género instrumental, surgiu durante a Idade Média e chegou à sua forma definitiva em meados do século XVII, nomeadamente com o compositor Johann Froberger (1616-1667). Foi durante o período Barroco que a suite alcançou maior popularidade, embora, e salvaguardando as naturais diferenças de contexto e intenção, se encontrem exemplos ainda no século XX, com compositores como Schönberg, Debussy, Prokofiev, ou ainda Pierre Boulez. Além de outros importantes ciclos, como os dedicados ao violino, ao violoncelo, ou à orquestra, Johann Sebastian Bach compôs três grandes conjuntos de suites para tecla, as Partitas (BWV 825-830), as *Suites Inglesas* (BWV 806-811) e as *Suites Francesas* (BWV 812-817).

As seis Partitas foram escritas entre 1725 e 1730 aproximadamente, período em que Bach ocupava já o prestigioso posto de diretor de música e *Kantor* da igreja de São Tomé, em Leipzig, cidade onde permaneceu até morrer em 1750. Foram estas as primeiras peças publicadas sob a sua supervisão, primeiro de forma independente, a partir de 1726, e depois

como conjunto, em 1731, sob a denominação de *Clavierübung* (título cunhado inicialmente por Johann Kuhnau, seu antecessor em Leipzig) e com a catalogação de *Opus 1*. Este primeiro volume de “exercícios [ou estudos] para tecla” seria seguido de outros três: em 1735 com o *Concerto Italiano* BWV 971 e a *Abertura Francesa* BWV 831; em 1739 com um conjunto de peças para órgão, incluindo os *Duetto*s BWV 802-805; e em 1742 com as, hoje muito populares, *Variações Goldberg* BWV 988. É com uma *Sinfonia*, solene, depois suave e desgostosa, e depois ainda enérgica e foga, que se inicia a Partita n.º 2. Seguem-se uma *Allemande*, serena e sonhadora, por vezes algo sofrida até, e uma *Courante*, mais agitada e intensa. Com a *Sarabande* voltam a acalmia e o lirismo. À imagem de outras sarabandas de Bach, e embora não deixe de se tratar de uma dança (ouça-se o registo grave), o clima aqui é de contemplação serena. Sucede-se um *Rondeaux* em que o refrão, enérgico e vivaz, vai alternando com curtos episódios ligeiramente mais contidos. Por fim, e em lugar da habitual *Gigue*, é com um fulgurante *Capriccio* que Bach conclui esta segunda Partita.

Johannes Brahms

Hamburgo, 7 de maio de 1833

Viena, 3 de abril de 1897

Quarteto para Cordas n.º 1, em Dó menor, op. 51 n.º 1

COMPOSIÇÃO: 1873

ESTREIA: Viena, 11 de dezembro de 1873

DURAÇÃO: c. 32'



JOHANNES BRAHMS, c. 1875 © DR

Prolífico compositor de música de câmara, com um total de vinte e quatro partições para formações diversas, Johannes Brahms foi, tanto neste como noutros domínios da sua criação musical, um compositor dividido entre a tradição clássica e as tendências mais atuais, relativamente às quais Robert Schumann, seu amigo próximo, era o modelo. Segundo Brigitte François-Sappey, “os conjuntos de câmara são favoráveis a Brahms na medida em que o compositor neles pode explorar as qualidades complementares da intimidade da alma e de uma forte arquitetura.” Música pura, baseada na coerência e coesão da forma e na concentração do material que não admite, à superfície, influências extramusicais.

Se é evidente que a música de câmara lhe assentou bem, não menos verdade é que o género do quarteto para cordas, em que a sombra de Beethoven pairava intimidante, lhe foi tudo menos evidente, como o próprio admitiu e como atesta a sua relutância em apresentar as suas primeiras tentativas no género. Antes de concluir, finalmente, no verão de 1873, os seus dois primeiros quartetos para cordas, que diga-se nunca obtiveram aceitação unânime,

tinha já iniciado vários outros nas duas décadas anteriores, mas sem sucesso nem seguimento. Escrito na sombria tonalidade de Dó menor, é na urgência e na seriedade que o Quarteto n.º 1 se desenvolve. Expressivo e contagiante, o primeiro andamento, *Allegro*, estruturado em forma-sonata com três temas, só raramente permite que um vislumbre de luz e de esperança, mesmo que pouca, penetre na densa camada de gravidade que caracteriza o discurso musical. Segue-se um *Romanze* de emoção contida, solene e nostálgico, raras vezes lírico, mas nunca abertamente luminoso. O terceiro andamento toma a forma de um *scherzo* com um trio. A urgência do andamento inicial volta aqui a ouvir-se, mesmo se atenuada por passagens de ambiente mais ligeiro ou melancólico. O trio central, *Un Poco più animato*, introduz um caráter dançante e algo popularucho. No *Allegro* final, Brahms utiliza alguns elementos dos episódios anteriores para criar uma trama musical de grande riqueza melódica e rítmica. O clima não se torna, ainda assim, menos sombrio ou austero, já que a grave e muito beethoveniana tonalidade de Dó menor continua a dominar em toda a sua intensidade.

Robert Schumann

Zwickau, 8 de junho de 1810
Endenich, 29 de julho de 1856

Quinteto com Piano, em Mi bemol maior, op. 44

COMPOSIÇÃO: 1842

ESTREIA PÚBLICA: Leipzig, 8 de janeiro de 1843

DURAÇÃO: c. 30'



ROBERT SCHUMANN EM 1850. DAGUERREÓTIPO DE JOHANN ANTON VÖLLNER © DR.

A atividade criativa de Robert Schumann no ano de 1842 é quase exclusivamente dedicada à música de câmara, o género de composição “mais digno”, segundo o próprio. Após o piano ter estado, durante uma década, no centro dos seus interesses, e de ter passado o ano de 1840 – o mesmo em que consegue, por fim e após um árduo processo, casar-se com Clara Wieck – somente dedicado ao *Lied*, é na música de câmara que o compositor concentra os seus esforços. Em poucos meses escreve os seus três quartetos para cordas, o Quinteto com Piano op. 44, o Quarteto com Piano op. 47, um trio com piano (a base para *Phantasiesstücke* op. 88, de 1849) e o *Andante e Variações* WoO 10. Sendo hoje uma das mais populares peças de câmara de Schumann, o Quinteto op. 44 foi estreado em dezembro de 1842, numa execução privada, com Felix Mendelssohn ao piano. A estreia pública aconteceu um mês depois, já com Clara, a dedicatária da obra e para quem a parte de piano tinha efetivamente sido escrita. Muito de Schumann foi, aliás, escrito *para Clara*, e o quinteto não é exceção. Sintomático disso é a onnipresença e quase preponderância do piano e, como não poderia deixar de ser, o virtuosismo que requer do intérprete. De facto,

o Quinteto, na sua dimensão e expressividade quase sinfónicas e na interação entre piano e cordas, mais parece, por momentos, um concerto para piano condensado. Dividido nos habituais quatro andamentos, inicia-se de forma majestosa, dando, desde logo, o mote para uma obra rica em contrastes e ímpeto dramático. Do Mi bemol maior heroico do *Allegro brillante* inicial passa-se para o Dó menor funesto do andamento seguinte. Uma procissão fúnebre, dupla homenagem à *Eroica* de Beethoven e ao segundo andamento do Trio em Mi bemol maior de Schubert. A marcha, murmurada e dolorosa, toma a forma de um rondó com dois trios, o primeiro introduzindo uma certa esperança (e um certo ambiente sonhador quando surge repetido no final), o segundo realçando o ambiente trágico do andamento. Segue-se um *Scherzo* contagiante de energia e vitalidade, também interrompido por dois trios contrastantes. O magnífico andamento final condensa o dramatismo, a inventividade temática e a força expressiva dos episódios anteriores num discurso musical efusivo e brilhante.

NOTAS DE FRANCISCO SASSETTI

Martha Argerich

Piano



MARTHA ARGERICH © ADRIANO HEITMAN

Martha Argerich nasceu em Buenos Aires, na Argentina. Começou a estudar piano aos cinco anos de idade com Vincenzo Scaramuzza. Em 1955 viajou para a Europa com os seus pais, tendo prosseguido os seus estudos em Londres, Viena e na Suíça. Foi aluna de Friedrich Gulda, Stefan Askenase, Maria Curcio, Madeleine Lipatti, Abbey Simon e Nikita Magaloff. Em 1957 venceu o Concurso Internacional de Música de Genebra e o Concurso Internacional de Piano Ferruccio Busoni, em Bolzano. Em 1965 atraiu definitivamente a atenção internacional ao vencer o Concurso Chopin de Varsóvia. Estreou-se nos Estados Unidos da América nesse mesmo ano e iniciou uma carreira profissional que se iria revelar como uma das mais cativantes da segunda metade do século XX. Afirmando-se inicialmente no repertório virtuosístico do séc. XIX e início do séc. XX, Argerich foi no entanto alargando sucessivamente o âmbito dos seus programas e gravações, incluindo obras de J. S. Bach a Messiaen, passando por Beethoven, Schumann, Chopin, Liszt, Debussy, Ravel, Franck, Prokofiev, Bartók, Stravinsky, Chostakovitch, ou Tchaikovsky.

Solista convidada de salas de espetáculo e festivais de música de grande prestígio, em todo o mundo, colaborou com grandes orquestras e maestros. Martha Argerich dedica também um espaço importante da sua atividade à música de câmara, em parceria com outros artistas de grande craveira artística como os pianistas Alexandre Rabinovitch, Daniel Barenboim e Nelson Freire (com o qual se apresentou na Fundação Gulbenkian em março de 2001), o violoncelista Mischa Maisky, ou o violinista Gidon Kremer. Segundo as palavras da pianista: “Esta harmonia no seio de um grupo de artistas desperta-me um sentimento forte e pacífico”. Martha Argerich realizou inúmeras gravações merecedoras dos principais prémios internacionais, incluindo *Gramophone*, *Choc*, *Deutscher Schallplatten Kritik*, *BBC Music Magazine* e *Grammy*. Desde 1998, é a Diretora Artística do Festival Martha Argerich de Beppu, no Japão. Em 1999 fundou o Concurso Internacional de Piano e Festival Martha Argerich de Buenos Aires. Em junho de 2002 fundou o Progetto Martha Argerich, em Lugano.

Cuarteto Quiroga



CUARTETO QUIROGA © JOSEF MOLINA

O Cuarteto Quiroga é o quarteto titular da Coleção de Stradivarius do Palácio Real de Madrid. É um dos mais dinâmicos quartetos da sua geração e honra a memória do violinista galego Manuel Quiroga, um dos mais proeminentes violinistas da história da música espanhola. O grupo estudou com Rainer Schmidt na Escola Superior de Música Rainha Sofía, em Madrid, com Walter Levin na Universidade de Música de Basileia, e com Hatto Beyerle na Academia Europeia de Música de Câmara. Os quatro músicos receberam também influências importantes de Johannes Meissl, György Kurtág, András Keller, Eberhard Feltz e Ferenc Rados. O Cuarteto Quiroga venceu vários concursos internacionais (Bordéus, Genebra, Pequim, Paris e Barcelona) e apresentou-se em prestigiados palcos a nível mundial, incluindo Wigmore Hall de Londres, Philharmonie de Berlim, Frick Collection e Lincoln Center de Nova Iorque, DaCamera (Los Angeles), National Gallery (Washington D.C.), Concertgebouw de Amesterdão, Auditório Martínu de Praga, ou Auditório Nacional de Madrid, entre outros. Partilha com frequência o palco com Valentin Erben, Richard Lester, Alain Meunier, Javier

Perianes, David Kadouch, Veronika Hagen, Jonathan Brown, Vladimir Mendelssohn, Tomas Djujsjöbacka, Chen Halevy e os quartetos Doric, Meta4, Ardeo e Galatea.

Também dedicados ao ensino da música de câmara, os músicos do quarteto são titulares da classe de quarteto de cordas do Conservatório Superior de Música de Saragoça. São também regularmente convidados a orientar cursos de aperfeiçoamento em universidades e academias de música na Europa e nas Américas. Os álbuns *Statements* (Haydn, Weber e Solima) e *(R)evolutions* (Schönberg, Webern e Berg), gravados para a Cobra Records, foram distinguidos com vários prémios. Os dois títulos mais recentes, *Frei Aber Einsam*, CD dedicado aos Quartetos op. 51 de Brahms, e o CD em colaboração com o pianista Javier Perianes, que incluiu os quintetos com piano de Granados e Turina (Harmonia Mundi), foram também distinguidos pelas revistas da especialidade. O Cuarteto Quiroga tem a sua residência oficial no Museu Cerralbo, em Madrid. Cibrán Sierra agradece aos herdeiros de Paola Modiano a generosa oportunidade para tocar o violino Nicola Amati “Arnold Rosé” de 1682.

13 + 14 OUTUBRO
QUARTA, 21.00h / QUINTA, 19.00h

Alina Ibragimova

Orquestra Gulbenkian
Fabien Gabel

CHOSTAKOVITCH · TCHAIKOVSKY



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

gulbenkian.pt/musica

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CÓRO GULBENKIAN



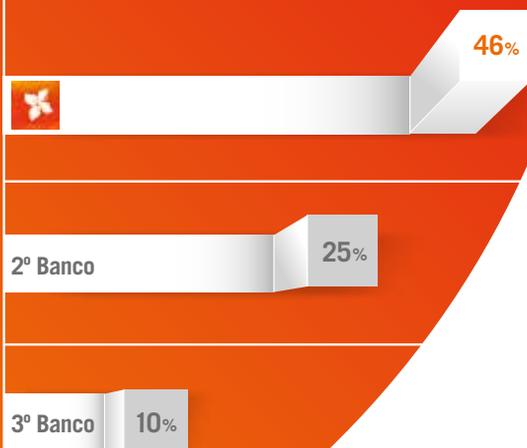
BANCO DE CONFIANÇA.



BPI é Marca de Confiança na Banca pelo 3º ano consecutivo.

O BPI foi reconhecido como a marca bancária de maior confiança em Portugal, de acordo com o estudo Marcas de Confiança que as Seleções do Reader's Digest organizam há 16 anos em 10 países. O nível de confiança do BPI subiu de 39% para 46%, registando o melhor resultado alguma vez alcançado em todo o sistema financeiro português desde o lançamento do estudo em 2001. O BPI agradece este voto de confiança e tudo fará para continuar a merecê-lo.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO
AH-HA

TIRAGEM
600 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Outubro 2016

GULBENKIAN.PT/MUSICA